

**MOTIVOS, DESAFIOS E DESMOTIVAÇÕES:
UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE MULHERES ATLETAS
DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY 7'S**

**REASONS, CHALLENGES, AND DEMOTIVATIONS:
AN ANALYSIS OF THE SPORTING JOURNEY OF FEMALE ATHLETES
FROM THE BRAZILIAN WOMEN'S RUGBY 7'S NATIONAL TEAM**

**RAZONES, DESAFÍOS Y DESMOTIVACIONES:
UN ANÁLISIS DEL TRAYECTO DEPORTIVO DE LAS ATLETAS
FEMENINAS DEL EQUIPO NACIONAL DE RUGBY 7'S DE BRASIL**

Giovanna Xavier de Moura

<https://orcid.org/0000-0001-5493-7059> 

<http://lattes.cnpq.br/5932821053640228> 

Universidade Estadual de Maringá (Maringá, PR – Brasil)
giouvannax.moura@hotmail.com

Vanessa Mota Andrade

<https://orcid.org/0000-0002-2729-3072> 

<http://lattes.cnpq.br/7197029228623383> 

Universidade Estadual de Maringá (Maringá, PR – Brasil)
vanessa.andrade.uem@gmail.com

Fernando Augusto Starepravo

<https://orcid.org/0000-0002-1655-998X> 

<http://lattes.cnpq.br/5763073227935698> 

Universidade Estadual de Maringá (Maringá, PR – Brasil)
fernando.starepravo@hotmail.com

Resumo

Este estudo analisou os motivos de interesse pela prática do *rugby*, os desafios e as desmotivações ao longo da trajetória esportiva de mulheres atletas da Seleção Brasileira de *Rugby*. Foram entrevistadas 10 atletas e ex-atletas mulheres cisgênero de *Rugby* Sevens, utilizando um roteiro semi-estruturado. As entrevistas foram analisadas por meio de análise de conteúdo. Como resultado, verificou-se que as atletas iniciaram sua participação no *rugby* por meio do convite de amigos/as e familiares, atraídas pelos valores e características de jogo. Dificuldades financeiras, lesões, problemas com o técnico, preconceito de gênero e gestão do tempo entre treino e estudos foram apontados como fatores desmotivantes. Concluiu-se que a apesar das situações negativas vivenciadas pelas atletas durante a trajetória esportiva, os pontos positivos e os motivos pelos quais iniciaram na modalidade foram capazes de superarem os desafios e as manterem na prática do *rugby*.

Palavras-chave: Esporte Feminino; Barreiras; Desistência; *Rugby*.

Abstract

This study analyzed the reasons for interest in playing rugby, the challenges and demotivations throughout the sporting trajectory of female athletes from the Brazilian Rugby Team. 10 cisgender female Rugby Sevens athletes and former athletes were interviewed, using a semi-structured script. The interviews were analyzed using content analysis. As a result, it was found that the athletes began their participation in rugby through invitations from friends and family, attracted by the values and characteristics of the game. Financial difficulties, injuries, problems with the coach, gender bias and time management between training and studies were highlighted as demotivating factors.



It was concluded that despite the negative situations experienced by the athletes during their sporting career, the positive points and reasons why they started in the sport were able to overcome the challenges and keep them practicing rugby.

Keywords: Women's Sport; Barriers; Withdrawal; Rugby.

Resumen

Este estudio analizó los motivos de interés por jugar al rugby, los desafíos y las desmotivaciones a lo largo de la trayectoria deportiva de las atletas de la Selección Brasileña de Rugby. Se entrevistó a 10 atletas y ex atletas cisgénero de Rugby Sevens, utilizando un guión semiestructurado. Las entrevistas fueron analizadas mediante análisis de contenido. Como resultado, se encontró que los deportistas iniciaron su participación en el rugby a través de invitaciones de amigos y familiares, atraídos por los valores y características del juego. Como factores desmotivadores se destacaron las dificultades económicas, las lesiones, los problemas con el entrenador, el sesgo de género y la gestión del tiempo entre entrenamiento y estudios. Se concluyó que a pesar de las situaciones negativas vividas por los deportistas durante su carrera deportiva, los puntos positivos y los motivos por los que se iniciaron en el deporte lograron superar los retos y mantenerlos practicando el rugby.

Palabras Clave: Deporte Femenino; Barreras; Retiro; Rugby.

INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas, a trajetória das mulheres marcou mudanças sociais de valor significativo como direitos de igualdade, debates sobre sua presença no mercado de trabalho, violência e papéis sexuais nos diversos setores da vida social. Essa evolução é considerada uma das maiores revoluções do século XX (Knijnik, 2010). Tratados promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) deram início a um avanço nos direitos e valores das mulheres na sociedade (Carvalho; Cruz, 2007).

No esporte, essa trajetória de lutas por espaço e visibilidade também é destacada por meio de divulgação, estudos e pelo encorajamento de outras mulheres a participarem como atletas, dirigentes e técnicas. Com isso, o número de mulheres atletas vem aumentando consideravelmente em competições de alto nível, como pode ser exemplificado pela representatividade das mulheres nas Olimpíadas, chegando a 48,8% do total de atletas nas últimas Olimpíadas, em Tóquio em 2021, com previsão de alcançar 50% nas Olimpíadas de 2024, na França (IOC, 2016). Tais avanços são fruto de políticas de igualdade e representatividade estabelecidas pelo Comitê Olímpico Internacional.

Apesar deste crescimento no número de atletas e modalidades femininas na maior competição esportiva do mundo, quando tratamos do esporte, assim como em diversas áreas, as assimetrias socialmente institucionalizadas ainda persistem entre homens e mulheres, o que pode comprometer negativamente não apenas as mulheres, mas também qualquer outro grupo estigmatizado (Bourdieu, 2002). As mulheres continuam sendo minoritárias no campo esportivo e essa baixa participação em diferentes funções (dirigentes, equipe técnica e





arbitragem, por exemplo) pode ser um reflexo do esporte ser socialmente considerado uma área de reserva masculina, além da ausência de políticas públicas e aperfeiçoamento de legislações que garantam os direitos básicos das mulheres atletas, como a proteção à maternidade, sancionada apenas em 2023 com a Lei Geral do Esporte (Lei 14.597/2023). No Brasil, essas características relacionam-se à proibição de mulheres praticarem esportes considerados “incompatíveis com a condição de sua natureza”, apresentada no Decreto-Lei 3.199/41 e reforçada a proibição por meio da deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos (Brasil, 1941; Brasil, 1965). Essa proibição só foi revogada em 1979, após quase 40 anos, o que não representou um incentivo ou promoção da prática esportiva pelas mulheres, mas sim o início de uma luta por espaço, representatividade e reconhecimento.

Mesmo com a luta atual e o aumento da participação de mulheres no esporte, segundo Goellner (2012, p. 74), ainda existe:

a crença de que algumas modalidades as [mulheres] masculinizam e por essa razão devem ser evitadas; [...] a erotização no modo de se referir às atletas, destacando seus atributos físicos e estéticos (ou a ausência deles) e não seus méritos esportivos [...] e a não compreensão de que se pode constituir como um espaço capaz de empoderá-las.

Ao analisar as características das modalidades esportivas, observamos que diversas modalidades praticadas por mulheres não se desenvolveram ao longo dos anos devido às associações de que força, velocidade, contato físico e resistência eram características consideradas masculinas. O *rugby* é uma das modalidades que se encaixa nessa percepção. Nessa modalidade, há um elevado nível de contato físico entre os (as) jogadores (as), que não utilizam equipamentos de proteção, sendo permitido o impacto dos (as) portadores (as) da bola ao chão. Por esse motivo, o *rugby* pode ser percebido como um esporte robusto e agressivo para aqueles que não estão familiarizados com a modalidade. Além disso, as características desse esporte contribuem para que ele seja considerado, na esfera social, um esporte tradicionalmente associado ao universo masculino, representando a antítese da feminilidade (Fallon, 2010). Consequentemente, de acordo com Almeida (2008, p. 40), os atletas praticantes dessa modalidade encontram-se imersos em um contexto permeado de símbolos e representações que, em sua maioria, privilegiam os homens e as masculinidades.

No Brasil, mesmo com a chegada da modalidade no século XX, o *rugby* ainda é considerado um esporte recente e pouco conhecido pela população, conforme apresentado no Diagnóstico Nacional de Esporte (Brasil, 2015), no qual o *rugby* ocupa o último lugar no





ranking de modalidades mais praticadas no Brasil, com apenas 0,1% de praticantes, e o penúltimo lugar entre as mais procuradas.

Ao analisarmos especificamente a prática do *rugby* por mulheres, seu início aconteceu tardiamente, somente em 1997, na cidade de Florianópolis. Com o passar do tempo, o número de equipes femininas cresceu e, em 2004, foi formada a primeira Seleção Brasileira Feminina de *Rugby*. Apesar do crescimento da modalidade, com a fundação da Confederação Brasileira de *Rugby* (CBRu), em 2010, e o aumento do número de competições oficiais focadas na modalidade de 7 jogadoras (Sevens ou 7's), como a que é disputada nos Jogos Olímpicos desde 2016, o *rugby* feminino ainda enfrenta muitos desafios para se manter e se consolidar.

Ao considerar esses aspectos, o objetivo deste artigo é analisar os motivos de interesse pela prática do *rugby*, os desafios e desmotivações ao longo da trajetória esportiva das mulheres atletas da Seleção Brasileira de *Rugby 7's*.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo constitui-se como uma pesquisa qualitativa exploratória, já que busca compreender fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes e da situação que pretende estudar (Godoy, 1995; Gil, 2008). No contexto do nosso trabalho, o foco recai sobre os motivos pelos quais as mulheres iniciam a prática do *rugby*, os desafios enfrentados e as desmotivações que estas encontraram durante suas trajetórias esportivas.

Para a realização do estudo, foram entrevistadas 10 mulheres cis atletas e ex-atletas de *Rugby Sevens* no Brasil. A escolha pelo *Rugby 7's* se deu devido ao fato desta ser a modalidade mais praticada por mulheres no país. Como critério de seleção para a participação, optamos por atletas que já fizeram parte da Seleção Brasileira de *Rugby* e que estiveram envolvidas com o selecionado por pelo menos 2 anos. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando um roteiro pré-estabelecido, o qual foi previamente testado e ajustado. Posteriormente, entramos em contato com as atletas e agendamos as entrevistas, realizadas individualmente, durante as competições da modalidade em 2017. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá pelo parecer de nº 1.903.137. Após a coleta, as entrevistas foram transcritas e analisadas com base na Análise de Conteúdo Bardin (2011) por meio da categorização dos dados.

A partir dos dados coletados, as entrevistas foram organizadas em três unidades, a saber: os motivos para o início da prática da modalidade, os desafios e as desmotivações





enfrentadas na prática do *rugby*, durante a trajetória esportiva das atletas até os Jogos Olímpicos de 2016. A seleção destas três unidades decorre da nossa intenção de relacionar os motivos que inicialmente levaram as atletas a praticarem o *rugby*, bem como os diversos desafios que encontraram ao longo de sua profissionalização, e, por fim, as possíveis razões que poderiam desencorajá-las a persistir na modalidade, uma vez que seus objetivos e expectativas iniciais divergiam da realidade que enfrentaram.

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, se faz necessário identificar quem foram as atletas entrevistadas e a relação que elas tinham com a modalidade no momento da entrevista. A fim de preservar a identidade destas atletas, optamos por codificá-las com pseudônimos. O Quadro 1 apresenta informações referentes ao estado civil, tempo que praticam a modalidade, ao período que permaneceram na Seleção Brasileira de *Rugby* e a função em que atuavam no momento da coleta dos dados.

Quadro 1 – Identificação das atletas

Pseudônimo	Estado Civil	Tempo de prática do <i>rugby</i> *	Tempo na Seleção Brasileira*	Função*
Raissa	Solteira	7 anos	2014-2016	Árbitra
Amanda	Solteira	5 anos	2013-Presente*	Atleta
Bruna	Solteira	7 anos	2013-Presente*	Atleta
Priscila	Solteira	8 anos	2011-2015	Atleta
Jaqueline	Solteira	7 anos	2012-Presente*	Atleta
Vitória	Solteira	19 anos	2004-Presente*	Atleta
Camila	Solteira	17 anos	2004-Presente*	Atleta
Rafaela	Solteira	13 anos	2004-2016	Técnica
Mariana	Solteira	7 anos	2012-2014	Árbitra
Geórgia	Solteira	21 anos	2004-2009	Árbitra

Nota: *até o momento da coleta de dados (2017).

Fonte: construção dos autores.

De acordo com o Quadro 1, ao analisar o estado civil das atletas observamos que todas as entrevistadas se declararam solteiras e sem filhos, o que torna-se relevante ao considerar que, na literatura, é frequente o relato de que a maternidade impacta a carreira de atletas de diferentes formas, as mudanças físicas, psicológicas e emocionais (Seibold, 2004). A pressão social a respeito do seu papel maternal (Aguinaga, 2004; Martinez-Pascual *et al.*, 2014),





interfere nas carreiras das atletas, muitas vezes levando a uma interrupção prolongada ou até o seu encerramento (Cavalcanti; Baía, 2017). Por não ter sido observado nenhuma atleta nesta condição, a análise dos dados não apontou relações a este tema. Entretanto, vale destacar que possivelmente o fato de ser solteiras e sem filhos é o que possibilitou e/ou favoreceu a mudança para São Paulo na concentração das atletas e a preparação intensiva para os torneios.

Em relação ao tempo de envolvimento das atletas com a modalidade, observa-se que a atleta com menos tempo de prática esteve envolvida no *rugby* por cinco anos, enquanto 5 atletas praticavam a modalidade por sete ou oito anos, e 4 atletas tinham mais de 10 anos de experiência, incluindo uma atleta com notáveis 21 anos de prática do *rugby*. Isso pode ser explicado pelo crescimento recente do *rugby* no Brasil, principalmente após o anúncio de sua inclusão nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. Além disso, o tempo de prática das atletas pode refletir a organização e a divulgação recente do *rugby* no Brasil, com a criação da Confederação Brasileira da modalidade em 2010.

O tempo de prática da modalidade refletiu na entrada dessas atletas na Seleção Brasileira. É possível destacar dois momentos dessa admissão: o primeiro, em 2004, quando a Seleção Brasileira Feminina de *Rugby* Sevens foi organizada pela primeira vez para a participação no primeiro Sul-Americano de Sevens feminino, na Venezuela; e o segundo, quando iniciou-se a seleção e preparação das atletas para o ciclo olímpico a partir de 2011/2012. Além disso, destacamos ainda que das 10 entrevistadas, apenas 5 ainda se mantinham como atletas da Seleção Brasileira até o momento da coleta de dados. No entanto, todas as outras atletas continuavam envolvidas com o *rugby*, seja como atleta em clubes, treinadora de equipes femininas ou como árbitras. Aqui fazemos memória de Priscila que faleceu após a coleta de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a metodologia do trabalho, após transcrição e análise do conteúdo das entrevistas, todas as respostas foram organizadas de acordo com as unidades de significados, que para este estudo foram consideradas: 1) motivos para o início da prática da modalidade; 2) as dificuldades enfrentadas e; 3) as desmotivações da prática do *rugby*, durante a trajetória esportiva das atletas até os Jogos Olímpicos de 2016. Desta forma, as seções abaixo serão baseadas nas unidades de significado elencadas com base nas perguntas. Quanto às





falas apresentadas no texto, selecionamos aquelas que melhor representaram as declarações dadas pela maioria das atletas sobre determinado tópico.

O Início de uma Trajetória: motivos para iniciar no *Rugby*

A fim de compreender os motivos e a forma pela qual as atletas iniciaram sua prática no *rugby*, elas foram questionadas como a modalidade lhes foi apresentada, suas impressões e os motivos pelos quais se sentiram atraídas pelo *rugby*. As atletas mencionaram quatro diferentes formas pelas quais o *rugby* foi apresentado a elas, sendo: por meio de convite de amigos, por convite de familiares, por projeto social e por recrutamento.

Eu conheci, foi em 2000 através de um convite [...] eu estudava num colégio estadual perto de casa e aí tinha uns meninos que tavam jogando *Rugby* no [Clube X] e aí eles falaram “ah, tem time feminino lá, o [Clube X]. Vocês querem participar?” (Camila, 2017).

[...] meu padrasto falou: “ah, vai fazer um esporte, você sempre praticou esporte desde pequena, então vou te apresentar pra um clube”. Ele foi treinador do [Clube Y] há muitos anos, e também jogou... já tinha jogado lá. E aí ele me levou pra um treino e aí eu curti muito e depois nunca mais parei, assim. Então eu comecei porque meu padrasto era jogador de *Rugby* e me apresentou pra um clube (Amanda, 2017).

Semelhante a nosso estudo, pesquisadores (as) que discutem a participação das mulheres no *Rugby*, como Joncheray e Tlili (2013), por exemplo, afirmam que quase 50% das atletas entrevistadas conheceram o *Rugby* por meio de amigos e família. Tovia (2014) e Chu *et al.* (2003) destacam que a maioria das mulheres pesquisadas iniciou as atividades no *rugby* por meio de amigos da modalidade.

Um ponto que merece destaque é que em nossa pesquisa há um número equilibrado de atletas que conheceram o *rugby* por meio de homens ou mulheres. Das que deixaram claro quem as apresentou à modalidade, 4 foram apresentadas ao *Rugby* por mulheres e 3 por homens, diferentemente dos estudos de Chu *et al.* (2003), Monteiro (2016) e Fernandes (2014), onde há uma hegemonia masculina. Tal fato mostra que apesar da visão social do *rugby* ser um esporte masculino, a presença de mulheres na modalidade tem crescido. Juntamente com este fato, mulheres que vivenciam o *rugby* têm tido experiências positivas e têm se sentido confortáveis neste ambiente a ponto de buscarem novas atletas e incentivá-las a continuarem ali.

Ao considerar o início da carreira das atletas na Seleção Brasileira de *Rugby* Sevens, todas elas ingressaram através de seletivas. Até o período pré-Olímpico, a Confederação





Brasileira de *Rugby* (CBRu) organizava anualmente seletivas para observar jogadoras de todo o país e ampliar o plantel da equipe. As atletas se inscreviam para participar dessas seletivas, submetendo-se a avaliações físicas, táticas e técnicas, além de jogos, durante um final de semana no Centro de Treinamento da Seleção em São José dos Campos. Nos últimos anos, as jogadoras enviavam à CBRu formulários com seus históricos esportivos e habilidades, e as melhores eram pré-selecionadas para a equipe, passando pelas mesmas avaliações das seletivas anteriores. As despesas de viagem e alojamento eram custeadas pelas próprias atletas que, muitas vezes, precisavam organizar eventos ou solicitar apoio do clube para participarem das seletivas.

Além disso, ao discutir o início da prática do *rugby*, as atletas compartilharam suas primeiras impressões e o que as atraiu para o esporte. Cinco delas mencionaram que foram atraídas pelos valores fundamentais do *rugby*, como exemplificado por Raissa:

O rugby, eu acho que é a parte [...] dos princípios do jogo [...] que são lindas, assim. Ter o respeito, a solidariedade [...] é muito levado a sério. Diferente de muitos esportes coletivos, o rugby, ele tem essa parte do time ser muito forte, você tem que jogar em time. Não existe nenhum esporte, [...] nenhum time no rugby que um atleta faça toda a diferença. Então, [...] essa questão do respeito ao árbitro, respeito aos colegas, [...] é o que mais me chamou atenção. E como eu sempre fui louca por esporte de contato, aí não teve jeito... apaixonei! (Raissa, 2017).

Pela fala da atleta, percebemos que os valores do *rugby* são levados a sério como parte importante do jogo e do estilo *rugbier* de viver. Desde seu início, o *rugby* tem como seus principais pilares características educativas e de formação de caráter, os chamados 5 valores: paixão, respeito, solidariedade, integridade e disciplina. Segundo Moura (2014), Dr. Thomas Arnold, diretor da escola de *rugby* no período em que a modalidade foi criada, já entendia que, antes das habilidades de jogo, deveriam ser priorizados os princípios e uma conduta cavalheira. Essa conduta foi mantida até os dias de hoje, sendo fortemente destacada por pessoas envolvidas com este esporte, desde novos atletas até instituições que organizam a modalidade. Apesar da menção de conduta cavalheira fazer referência ao homem, visto que a criação da modalidade foi feita por homens e para homens, os valores pregados pela modalidade devem ser seguidos por todas (os) os praticantes da modalidade dentro e fora do campo, tornando-se visíveis, principalmente, durante os jogos. Isso torna-se evidente em situações em que somente o capitão da equipe pode se comunicar com o árbitro e vice-versa.

Os outros motivos pelos quais as atletas se interessaram pelo *rugby* também foram identificados na pesquisa de Chu *et al.* (2003), sendo eles: a natureza do jogo, ou seja, o contato





físico entre jogadores, e a dinamicidade/complexidade do jogo. Sobre o encanto das atletas pela natureza do *rugby*, elas comentam que:

Ai beleza, eu fui lá, foi tipo, amor à primeira vista [risos]. Primeiro treino foi treino de contato, foi no barro, foi tipo muito, muito legal [...] eu falei “Bah, esse é meu esporte! Posso derrubar as pessoas, posso correr, posso chutar” [fala animada] (Jaqueline, 2017).

Pela colocação da atleta, percebemos que ela se interessou pelo *rugby* justamente pelo motivo o qual as pessoas consideram a modalidade inapropriada para mulheres: o alto grau de contato físico entre os (as) jogadores (as). Socialmente, espera-se das mulheres que se envolvam em atividades que exaltem sua delicadeza, beleza e passividade, fazendo com o esporte não seja considerado apropriado para mulheres.

O esporte desde o início era destinado aos homens como uma forma de produção e reprodução da identidade masculina. Isso aconteceu porque o esporte representava e moldava a agressividade, força, virilidade, e honra, fatores estes que eram os que se esperavam de um “homem de verdade”. Desta forma, o esporte era visto como uma área de reserva masculina, carregado de valores patriarcais e que, por uma construção histórica e social e, principalmente, pela mentalidade do determinismo biológico, as mulheres não se enquadrariam a eles. Ainda hoje o esporte é visto como expressão cultural de valores masculinos e como reforço de estereótipos de papéis femininos e masculinos (Dunning; Maguire, 2010; Dunning, 1985; Bourdieu, 2002; Knijnik; Falcão-Delfino, 2010).

Devido a este fato, quando mulheres praticam o *rugby*, causam estranhamento pois a modalidade, que já foi considerada como o esporte menos feminino e como antítese de feminilidade (Fallon, 2010), possui características consideradas masculinas, como as supracitadas. Assim, as atletas de *rugby* estariam quebrando as regras do contrato social por praticarem um jogo que vai contra tudo o que a sociedade já encorajou as mulheres a fazer e a ser, ameaçando os ideais femininos de ser preciosa, frágil, desajeitada e serem impróprias para a força que o esporte exige (Joncheray; Tlili, 2013; Carle; Nauright, 1999).

Além dos valores e do contato físico entre os jogadores, as atletas se interessaram pelo *rugby* em virtude do dinamismo e complexidade que ele apresenta e por usar diferentes segmentos corporais, com diversas ações e com regras diferentes daquelas apresentadas pelos demais esportes. Isso é possível ser verificado pela fala: “[...] Mas o dinamismo dele foi o que me atraiu mais, esse negócio de levantar, derrubar... usa a cabeça, usa tudo. Não era só, ah, só a mão, só pé, tipo, um esporte bem complexo” (Vitória, 2017). O *rugby* é uma das poucas





modalidades esportivas que utilizam mãos e pés em ações de jogo. Além disso, as regras da modalidade são diferentes da lógica interna da maioria dos jogos esportivos coletivos como, por exemplo, a limitação da direção dos passes, que só pode ser feita para trás. Isso tudo faz com que seja uma modalidade atrativa.

Os desafios enfrentados

Ao analisarmos as entrevistas, especialmente considerando a segunda unidade de significado, que aborda as dificuldades enfrentadas desde o início da carreira até a atuação profissional como atletas da Seleção Brasileira, as entrevistadas destacaram vários desafios. Entre eles, questões logísticas e financeiras, lesões e problemas com a equipe técnica foram os mais mencionados. Uma dificuldade recorrente foi a necessidade de mudar para São Paulo para se prepararem para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, como exemplificado na fala da atleta Rafaela (2017):

Então, dificuldade assim, [...] era mais a parte tipo [...] de ter que mudar pra São Paulo. Isso foi o mais difícil realmente porque... e não por conta da distância de família, nada, mas uma rotina de morar junto com um monte de gente de ter que treinar com um esforço físico

Percebemos que o fato destas atletas mudarem de cidade e até de estado para tentarem garantir uma vaga nas Olimpíadas, para uma cidade grande, movimentada, possivelmente bem diferente das cidades de origem de muitas delas, é agravado pela necessidade imposta de viver longe da família, de morar com diferentes pessoas, em ter uma rotina diferente do habitual e com treinos intensos que envolvem o mundo do esporte de alto rendimento.

Outro tópico bastante abordado está relacionado às questões financeiras. Pelo menos 4 atletas afirmaram ter dificuldades financeiras durante o processo de seleção e concentração em São Paulo:

Aí falei: "ah, vou pra São Paulo fazer uma seletiva então". Ai eu não tinha dinheiro, eu fazia faculdade e dava aula de natação, hidro e ainda de canoagem. Ai eu pedi ajuda pra galera, fizemos rifa pra arrecadar dinheiro. [...] (Jaqueline, 2017).

Algumas atletas também mencionaram as dificuldades financeiras contínuas como profissionais, recebendo uma ajuda de custo mensal insuficiente para se manterem longe de suas famílias. Raissa (2017) observou:

O mudar de cidade, sem ter muito apoio... o salário que a gente recebia nem era considerado um salário. [...] É muito amor, assim, que a gente falava né? A





gente acabava gastando muito mais dinheiro do que recebendo. Então, o que a gente recebia era mais pra pagar conta e o resto era do bolso mesmo. A gente tinha que se virar [...].

Quando a atleta declara que “é muito amor”, refere-se a uma expressão comumente usada no meio do *rugby* devido ao amadorismo da modalidade no país. Ela quis afirmar que atletas, treinadores (as) e demais pessoas envolvidas com a modalidade mantêm seu envolvimento pela paixão que tem pelo esporte, já que nem sempre há recursos financeiros. Esta informação vai ao encontro dos estudos de Dunning (1985) e Gonçalves e Vaz (2015) em que a prática e regras do *rugby* buscam garantir uma prática prazerosa e divertida, em que o amor ao esporte supera a falta de remuneração e ganhos materiais. A autora e o autor relatam ainda que, mesmo com a evolução do esporte e o apoio financeiro dados a alguns atletas, o espírito amador ainda permanece no *rugby* e na identidade dos praticantes.

O mesmo sentido amador foi apresentado pelas atletas não como um problema exclusivo do período de concentração e seleção, mas principalmente pelos clubes em que participam. Sobre isso, Jaqueline (2017) faz uma comparação entre o futebol de mulheres e o *rugby*:

[...] eu era do futebol. Então, no futebol, por mais que seja futebol feminino, tu sempre tem apoio, patrocinador [...] Eu não gastava nada [...] E logo que eu comecei a jogar a gente tinha que pagar inscrição, tinha que pagar viagem e tudo.

O que percebemos pelas falas é que grande parte dos clubes possuem dificuldades financeiras para a prática do esporte. Além do amadorismo, o *rugby* ainda é pouco conhecido no Brasil, sendo assim, são poucos os clubes que possuem patrocínio. Dessa maneira, em muitos clubes, os (as) atletas pagam para jogar pois precisam investir em uniforme e materiais de treinos, pagar inscrições de campeonatos, transporte, alojamento, alimentação, estrutura, etc, questões estas que também emergiram na equipe gaúcha pesquisada por Almeida (2008). Para reduzir os gastos das atletas, os clubes organizaram rifas, promoções e jantares, pedem dinheiro na rua, emprestam dinheiro de colegas e familiares para que possam participar de eventos e competições.

Vale destacar também que Jaqueline reconheceu que há uma diferença entre o incentivo financeiro de modalidades praticadas por homens e mulheres, já que, na maioria das vezes, as mulheres recebem menos incentivo que os homens, como o exemplo citado pela atleta, o futebol. Ferreira e Braga (2020) e Leite (2019) relatam que muitos patrocinadores e empresários(as), e até mesmo a imprensa, entendem que uma ação esportiva vinda da prática



esportiva de um homem pode gerar mais retorno financeiro e, conseqüentemente, mais vantagens para a empresa. Por esse motivo, muitas vezes se perde o interesse em apresentar o esporte de mulheres em tais ações.

O terceiro motivo mais citado como dificuldades enfrentadas durante sua trajetória, foram as lesões e doenças que ocorreram tanto durante treinos e campeonatos quanto fora dos gramados. Rafaela (2017) comenta: "Eu tive algumas lesões graves, eu passei por cirurgia. [...] Eu rompi o ligamento dos dois joelhos sozinha, eu rompi minha [...] essas coisas foram mais difíceis pra mim" (Rafaela, 2017).

Quando abordamos o esporte de alto rendimento, lesões podem acontecer com qualquer atleta e a qualquer momento. Além disso, o retorno aos treinamentos e aos gramados após o período de afastamento por lesões são mencionados pelas atletas como períodos difíceis, principalmente pela dificuldade em voltar a jogar em alto nível ou à Seleção Brasileira.

As questões do esforço físico e do corpo também foram mencionadas pelas atletas no sentido da limitação física durante as ações em jogos e treinos. Mariana (2017), que não participou do período de concentração das atletas em São Paulo, se sentia inferior às outras devido à sua preparação física inadequada:

[...] eu achava que o meu treino não era bom o suficiente [...] Ai eu sempre sentia falta de um treino técnico mais forte, de um treino físico mais forte [...] Treinar com o time é uma coisa né, treinar com as meninas da seleção era outra [...] A maior dificuldade acho que era essa, assim, eu me sentia sempre abaixo das meninas em questão tipo técnica e tática (Mariana, 2017).

Jaqueline (2017) reforçou essa dificuldade física quando se tratava de torneios com outras seleções, em que, inicialmente, não se sentia preparada devido ao seu corpo. Ela relatou:

[...] e depois quando foi um jogo internacional, eu acho que um embate físico no começo foi um pouco complicado né? Porque eu era meio gordinha, mais lenta [...] (Jaqueline, 2017).

Ainda sobre as questões relativas ao corpo, Bruna (2017) citou como dificuldade, as cobranças do técnico sobre seu corpo. Comentou que seu corpo, assim como o de outras atletas, não era aceito como o corpo de uma atleta e que por esse motivo ela deveria emagrecer. Em um determinado momento, a atleta citou que mesmo aquelas atletas que ela considerava com um corpo atlético muitas vezes também eram cobradas:

[...] de ter que perder peso logo, umas coisas tudo rápido pra conseguir um sonho [...] eu não tenho um corpo de atleta né? Tanquinho e tudo mais, e lá [...] eu tinha que fechar a boca e tinha dias assim que eu ficava com raiva e eu comia ovo cozido [...] eu perdia peso, mas eu ficava fraca, eu me lesionava mais rápido (Bruna, 2017).





O corpo das mulheres está constantemente sendo vigiado e analisado, independentemente de ser uma atleta ou não, mas tendo em vista a relação da mulher na atividade física, o corpo fica ainda mais em evidência pois está exposto a todo tempo como ferramenta de trabalho. Entretanto, como sabemos, para que uma atleta seja capaz de realizar os exercícios e movimentos exigidos em uma modalidade esportiva, seu corpo deve estar fortalecido e devidamente preparado para todas as situações a serem encontradas em um jogo, evitando possíveis lesões, uma vez que seu desempenho e resultado dependem de seu corpo.

No caso supracitado por Bruna, verificamos que as atletas da Seleção Brasileira de *Rugby 7's* eram cobradas para que tivessem um corpo magro, dentro dos padrões sociais, sendo que muitas vezes a performance ficava comprometida. Essa cobrança gerou um “estado de insegurança corporal” (Bourdieu, 2002, p. 75), em que a própria atleta passou a acreditar que seu corpo não era adequado para ser uma atleta, se alimentando de forma inadequada, visando o emagrecimento. Além disso, a tentativa de mantê-las dentro de um padrão considerado atlético se tornou mais relevante do que sua capacidade física e suas habilidades, visto que o *rugby* é uma modalidade que exige muito fisicamente e mentalmente das atletas (Ferreira, 2012). Dessa forma, as atletas precisam de tempo e muito treino para estarem e se sentirem preparadas para jogar.

Outro importante ponto destacado como dificuldades enfrentadas pelas atletas, trata-se de problemas com o técnico da Seleção e com a Confederação Brasileira de *Rugby*. As atletas apontaram que muitas vezes não concordavam com as decisões da CBRu e ressaltaram como ponto negativo o técnico da equipe que apresentava falas e atitudes machistas. Raissa (2017) relatou que:

[...] a gente tinha um problema sério com o técnico da seleção que era um cara extremamente machista. Era bem complicado. [...] ele era muito grosso, ele comparava muito a gente com masculino o tempo todo [...] e ele era daquele de falar assim “ah tipo, mulher tem que ser gostosa mesmo (Raissa, 2017).

Vitória (2017) também abordou questões semelhantes às de Raissa:

E as dificuldades psicológicas também da vida assim, de ter tido um treinador que não ia com a sua cara e você [...] te fazer provar pra ele que você merece ta ali entendeu? E é uma coisa que é complicada, porque você tem que se autoafirmar o tempo todo, você tem que ficar naquela briga com você mesmo, “será que tudo isso que eu to fazendo vale a pena?”, sabe? Será que esse sonho vale a pena? Porque eu não preciso engolir essas coisas, sabe? (Vitória, 2017).





A fala das atletas nos permite discutir sobre alguns pontos principais. O primeiro deles também está relacionado à representação do corpo das atletas, sendo identificada a objetificação do corpo da mulher quando a atleta Raissa (2017) se manifestou sobre a fala do técnico “mulher tem que ser gostosa mesmo”, questão que trataremos de forma mais específica. Wright e Clarke (1999) e Knijnik e Souza (2004) destacam que o esporte de mulheres tem sido banalizado e sexualizado, sendo que as mulheres muitas vezes são retratadas como símbolos sexuais. A erotização do corpo feminino tem como objetivo sexualizar a mulher de forma a torná-la desejável, como um objeto a ser alcançado e contemplado. Sobre isso, Bourdieu (2002, p. 75) já mencionava que as mulheres “existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis”, ou seja, o corpo da mulher passa a existir para o olhar do outro como algo atraente, limitando-o como um objeto de desejo.

Outro ponto sobre o técnico da equipe está relacionado com comparações entre a equipe masculina e a equipe feminina do Brasil, considerado como machismo por Raissa. Alguns autores abordam em seus textos que essa comparação é uma forma de desvalorização da performance das mulheres e que suas habilidades estão aquém da dos homens, e isto se torna o ponto de partida para a comparação (Devide, 2005; Knijnik, Souza, 2004; Wright; Clarke, 1999). Este problema muitas vezes surge como desmotivação para as atletas que, além de se questionarem sobre sua participação no esporte, pensaram em desistir de um grande sonho, como jogar uma Olimpíada, ponto destacado por Vitória. Isso vai ao encontro do que Brandão e Casal (2003) investigaram sobre a percepção de competência física, ponderando que em mulheres atletas, esta é menos positiva do que a dos homens e que, as influências sociais também podem contribuir para um sentimento de desvalorização dessas atletas.

As desmotivações na trajetória esportiva

As atletas enfrentaram diversos desafios ao longo de suas carreiras, muitos dos quais causaram desmotivação e até mesmo fizeram algumas considerarem desistir do *rugby*. Entre as 10 atletas entrevistadas, 8 admitiram ter passado por períodos de desmotivação, enquanto 3 afirmaram não terem sentido desânimo inicialmente.

Apesar de apenas 3 atletas terem comentado sobre o descontentamento com o técnico, outras também afirmaram se sentirem desmotivadas e terem pensado em desistir no





mesmo período em que estes problemas aconteceram, a saber, no início do ano Olímpico, como a Rafaela (2017) pontua:

o ano da olimpíada eu pensei pela primeira vez em parar. Isso foi muito chocante pra mim porque eu até chorei, tudo, porque eu nunca tinha pensado de verdade que eu queria parar (Rafaela, 2017).

A atleta Raissa (2017) comentou que a desmotivação em relação a comissão técnica aconteceu quando houve a escalação de um torneio específico em que não foi convocada, pois estava no auge de sua performance, se dedicando muito para conquistar uma vaga, porém, por questão de proximidade a equipe técnica inscreveu uma atleta lesionada. Jaqueline (2017) também confirmou ter se desmotivado com as atitudes do técnico perante às atletas, no sentido de que suas ações de jogo não eram consideradas boas, sendo repreendidas a todo momento. Ela destacou que:

[...] A gente treinava, treinava e a gente só tomava esporro, [...] nunca tava bom, a gente nunca recebia nenhum elogio (Jaqueline, 2017).

A figura do técnico constitui-se, assim, como relevante para o desejo das atletas de desistir da modalidade. Segundo Nakashima, Nascimento Junior e Vieira (2012) e Nunomura e Oliveira (2014), o comportamento de técnicos e pais em relação à prática esportiva de atletas pode influenciar positiva e negativamente a experiência das atletas, sendo fator importante para motivar ou desmotivar as mesmas. No trabalho apresentado por Brandão et al. (2000), o relacionamento com a equipe técnica apareceu como o 4º principal motivo pelos quais as atletas deixam a carreira esportiva prematuramente. No caso da Seleção Brasileira de Mulheres no *Rugby*, este técnico quase comprometeu significativamente a experiência e carreira das atletas no *rugby*.

Para além dos problemas com o técnico, outros fatores citados como desmotivantes foram as lesões e doenças já citadas nos desafios enfrentados e a dificuldade em conciliar treinos com horários de estudos e outras atividades. As atletas precisavam se dedicar à faculdade, ao trabalho e às suas atividades pessoais, mas também aos treinos de *Rugby*. Como o *rugby* ainda é um esporte amador no Brasil, são pouquíssimas as pessoas que conseguem viver do *Rugby*, sendo necessário priorizar as suas carreiras profissionais, estudos, etc. Hoje, no Brasil, há somente dois times profissionais sendo um de homens, o Cobras XV, e outro de mulheres, o Melina *Rugby*. A tardia profissionalização do *Rugby* em nível mundial, que teve início em 1995, tem sido uma das dificuldades do *Rugby* no Brasil, que começou seu processo de maior desenvolvimento a partir da década de 2000. Para Gonçalves e Vaz (2015), o fato de o esporte ainda ser amador no país, como forma de tentar manter os valores





pregados, tem sido uma espécie de resistência para o crescimento da modalidade no Brasil. Com isso, a maior parte dos treinos é realizada no período noturno, período esse que está fora do horário comercial para que mais atletas possam participar.

Somado a esses fatores, Mariana (2017) argumentou que também se desestimulou porque as atletas do clube não compareciam aos treinos e, por esse motivo, decidiu dedicar-se a arbitragem e ser atleta em outra modalidade esportiva:

[...] eu deixei de ser atleta pra ir pra arbitragem por causa dos meus horários e do clube eu tava meio desanimada, assim, as meninas quase não iam treinar [...] (Marina, 2017).

É muito comum em equipes de *rugby* que os clubes tenham seus altos e baixos quanto ao número de atletas frequentando os treinos. Além dos estudos e trabalho como razões para o deixar de treinar, o baixo número de campeonatos e a distância temporal entre os jogos, que podem levar meses, como no caso do *rugby* de mulheres, desestimulam a continuação de muitas atletas em treinos, já que a maioria delas se interessam em competir. Além disso, as viagens de longas distâncias e as lesões também são aspectos importantes para a redução de atletas nos treinos.

Ademais, das atletas entrevistadas, pelo menos 3 (Amanda, Jaqueline e Rafaela) afirmaram que inicialmente não se sentiram desmotivadas com a prática do *rugby*. As atletas alegaram que não se desanimaram pelo fato de a vida de atleta ser um sonho que sempre tiveram, e por ser uma escolha do estilo de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar os motivos de interesse pela prática do *rugby*, as dificuldades e desmotivações ao longo da trajetória esportiva das mulheres atletas da Seleção Brasileira de *Rugby 7's*. Após análise do discurso das 10 atletas entrevistadas, podemos corroborar a hipótese de que os motivos que levaram as atletas a praticarem o *rugby*, os objetivos e expectativas iniciais foram confrontados com a realidade vivenciada durante a trajetória das atletas.

Dentre as barreiras enfrentadas estiveram os problemas financeiros, as mudanças de cidade, os treinamentos e as lesões. Além disso, as atletas também vivenciaram o preconceito de gênero por meio do técnico da equipe. Tal experiência comprometeu negativamente a experiência das atletas no *rugby*, que chegaram a pensar em desistir da carreira e do sonho olímpico.





Entretanto, apesar das inúmeras dificuldades, as atletas se mantiveram envolvidas com o *rugby* e continuaram suas carreiras, ou seja, os aspectos positivos vivenciados na prática do *rugby* e os motivos que as levaram a praticar a modalidade superaram os desafios enfrentados na trajetória esportiva.

Esperamos que nosso estudo tenha contribuído para retratar a experiência das atletas das mulheres que praticam esportes e/ou atividades que são socialmente consideradas como de exclusividade dos homens, em especial o *rugby*. Sugerimos que novos estudos sejam realizados, buscando ampliar a literatura sobre a presença das mulheres no *rugby* no Brasil, uma vez que a modalidade praticada por mulheres vem crescendo consideravelmente no país, e discutir as relações de poder e de gênero neste espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Thais Rodrigues de. **Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de Rugby em um clube de Porto Alegre**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2002.

BRANDÃO, Maria Regina Fátima; CASAL, Hiran Valdes. Mulheres-atletas e o esporte de rendimento: a questão do gênero. In: SIMÕES, Antonio Carlos. **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira *et al.* Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 8, n. 1, p. 49-58, 2000.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 16 abr. 1941. Col. 1, p 7453.

BRASIL. Deliberação nº 7. **Conselho Nacional de Desporto**, 7 de ago. 1965. Disponível em: <<https://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>>. Acesso em 26 de jul. 2024.

BRASIL. Diagnóstico Nacional do Esporte: Caderno I. **Ministério do Esporte**, Brasília, DF, jun. 2015.

CARLE, Alison; NAURIGHT, John. A man's game?: women flaying Rugby Union in Australia. **Football studies**, v. 2, n. 1, p. 55-73, 1999.





CARVALHO, Maria José; CRUZ, Isabel. **Mulheres e desporto**: declarações e recomendações internacionais. Queijas, Portugal: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2007.

CAVALCANTI, Natália C. Silva Barros.; BAÍA, Deylane Corrêa Pantoja. Ser mãe no mundo do trabalho: notas sobre os desafios da reinserção de mulheres no mercado de trabalho após a experiência de maternidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11 e WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13, 2017. **Anais...** Florianópolis, SC: UFSC, 2017.

CHU, Michael *et al.* The black ferns: the experiences of New Zealand's elites women rugby players. **Journal of sport behavior**, v. 26, n. 2, p. 109-120, 2003.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman. (Org.). **Gênero e esporte**: masculinidades & feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS; Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa, Portugal: Difusão Editorial, 1985.

FALLON, Melissa. **Gender role conflict revisited**: an exploration of gender role expectations and conflict among female Rugby players. New York, USA: Nova Science Publisher, 2010.

FERNANDES, Vera Lucia Ferreira Pinto. **Mulheres de ouro**: trajetória e representação de atletas de lutas. 2014. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2014.

FERREIRA, António Miguel da Cruz. **Avaliação antropométrica e fisiológica do jogador de rugby português**. 2012. 120f. Dissertação (Mestrado em Medicina do Desporto). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2012.

FERREIRA, Eder Rodrigo Caizer; BRAGA, Pedro Henrique Lazarini. **O mercado esportivo no universo feminino**. 2020, 36f. Projeto de Monografia (Graduação em Administração), Faculdade de Administração das Faculdades Doctum. Ipatinga, MG, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista anual do observatório brasil de igualdade de gênero**, ano 6, n. 6, p. 72 - 74, 2012.





GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandes. Resíduos do amadorismo no esporte: a exemplo de uma equipe feminina de Rugby feminino. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 591-601, 2015.

JONCHERAY, Helene; TLILI, Haifa. Are there still social barriers to women's rugby? **Sport in society**, v. 16, n. 6, p. 772-788, 2013.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. Gênero: um debate que não quer calar. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades & feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

KNIJNIK, Jorge Dorfman.; FALCÃO-DELFINO, Paulo. Esporte e masculinidade: uma longa história de amor, ou melhor, de amizade. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades & feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

KNIJNIK; Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares de. Diferentes e Desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo, SP: Aleph, 2004.

LEITE, Sandra Maira Siqueira Naves. **Patrocínio esportivo sob a perspectiva de gênero: empresas patrocinadoras de equipes de voleibol**. 2019, 101f. Dissertação (Mestrado em Administração com ênfase em Comportamento do Consumidor). Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2019.

MARTINEZ-PASCUAL, Beatriz *et al.* Maternity in spanish elite sportswomen: a qualitative study. **Women & health**, v. 54, n. 3, p. 262-279, 2014.

MONTEIRO, Igor Chagas. **Mulheres de preto: trajetória na arbitragem do futebol profissional**. 2016. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2016.

MOURA, Giovanna Xavier de. **Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de rugby da cidade de Maringá-PR**. 2014, 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

NAKASHIMA, Fernanda Soares.; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade.; VIEIRA, Lenamar Fiorese. O papel dos pais na trajetória esportiva de atletas de ginástica rítmica. **Pensar a prática**, v. 15, n. 14, p. 852-870, 2012.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Mauricio Santos. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 28, n. 1, p. 125-134, 2014.

SEIBOLD, Carmel. Young single women's experiences of pregnancy, adjustment, decision-making and ongoing identity construction. **Midwifery**. v. 20, n. 2, p. 171-180, 2004.





TOVIA, Katerina. **Making sense of the everyday women rugby player**. 2014. 140f. Dissertação (Doutorado em Artes). Victoria University of Wellington, Wellington, New Zealand, 2014.

WRIGHT, Jan; CLARKE, Gill. Sport, the media and the construction of compulsory heterosexuality: a case study of Women's Rugby Union. **International review for the sociology of sport**, v. 34, n. 3, p. 227-243, 1999.

Dados do primeiro autor:

Email: giovannax.moura@hotmail.com

Endereço: Avenida Colombo, 5790, Bloco M06, Maringá, PR, CEP: 87020-900, Brasil.

Recebido em: 30/06/2024

Aprovado em: 29/07/2024

Como citar este artigo:

MOURA, Giovanna Xavier de; ANDRADE, Vanessa Mota; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Motivos, desafios e desmotivações: uma análise da trajetória esportiva de mulheres atletas da seleção brasileira de rugby 7's. **Corpoconsciência**, v. 28, e17978, p. 1-20, 2024.

